

SUJEITO, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE EM NIETZSCHE: UMA REAVALIAÇÃO DO VALOR DOS VALORES

SUBJECT, FREEDOM AND RESPONSIBILITY IN NIETZSCHE: A REVALUATION OF THE VALUE OF VALUES

*Thaise Dias Alves*¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar como as concepções de sujeito, liberdade e responsabilidade são elencadas na obra *Genealogia da Moral* (1887), e de que maneira Nietzsche reconfigura essa discussão na modernidade. Para isso, apresentam-se duas abordagens: (1) que Nietzsche nega a liberdade, graças à impossibilidade de se ignorar os processos orgânicos por trás de todo e qualquer agente, (2) ao mesmo tempo em que levanta a possibilidade de encontrar uma liberdade fundamentada na genuína autonomia do homem criador nietzschiano, que aparecerá na obra sob a égide do “indivíduo soberano”. No primeiro momento, introduz-se a tese da *Genealogia do Moral*, que se compromete a reavaliar o valor dos valores que sustentam as concepções de sujeito, liberdade e responsabilidade na modernidade e os fenômenos morais e sua primazia. Na sequência, analisam-se as duas concepções de liberdade em Nietzsche, localizadas na primeira e segunda dissertação da *Genealogia*, além das concepções de culpa, má consciência e ascetismo. Por fim, busca-se apresentar como o filósofo não simplesmente inverte os polos da discussão acerca dos temas em questão, mas propõe uma saída que abrange o questionamento acerca do valor dos valores morais e da concepção de “indivíduo soberano”.

Palavras-chave: Moral. Valor. Liberdade. Sujeito. Responsabilidade.

Abstract: This article aims to analyze how the conceptions of subject, freedom and responsibility are related in the *Genealogy of Morals* (1887), and how Nietzsche reconfigures this discussion in Modernity. Therefore, two approaches are presented: (1) that Nietzsche denies freedom, due to the impossibility of ignoring the organic processes behind every kind of agent, (2) at the same time as it raises the possibility to search for a freedom grounded on the genuine autonomy of the Nietzschean creative man, which appears in the writings under the aegis of the “sovereign individual.” In the first moment, the thesis of *Genealogy of Morals* is introduced, which aims to reassess the value of values that support the conceptions of subject, freedom and responsibility in Modernity, also the moral phenomena and their primacy. In the sequence, the two conceptions of freedom in Nietzsche, located in the first and second dissertation of *Genealogy*, are analyzed, besides the conceptions of guilt, bad conscience and asceticism. Finally, we present how the philosopher does not simply reverse the discussion about the subjects in question, but points out to an exit that covers the questioning about the value of moral values and the concept of “sovereign individual.”

Keywords: Moral. Value. Freedom. Subject. Responsibility.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bolsista Capes. Contato: thaised.alves@gmail.com.

A emergência da *Genealogia da moral*

Em uma primeira abordagem, a obra *Genealogia da Moral* (1887), de Friedrich Nietzsche, parece apenas reincorporar temas analisados anteriormente, sendo parte de uma “trilogia”, ou então, a mera continuidade de seus livros anteriores². De fato, algumas temáticas são reintroduzidas pelo filósofo, mas com outra roupagem, e de maneira mais sistemática, ou até mesmo didática³, tendo como centro o ressentimento⁴. Termo que atravessa o livro ao expressar o modo enfermo e doente do ideal ascético, como um *modus operandi* que esconderá a luta em todos os níveis ao denegrir a vida, primeiro, pela interiorização dos instintos, segundo, por tomar o ódio e a vingança como os únicos meios para a sobrevivência. No entanto, viver, segundo Nietzsche, será uma constante batalha por domínio, a ponto que extinguir a liça será o mesmo que anular a própria existência e toda a sua possibilidade. Assim, emergindo como “máquina de guerra” contra a presunção moderna de haver apenas *uma* perspectiva moral, a obra *Genealogia* trará como subtítulo “um escrito polêmico⁵”, sendo uma análise crítica e histórica de como o homem se habitou a ver o mundo sob a ótica absoluta da moral.

Por outro lado, compreende-se ainda a necessidade de analisar outras plêiades de temáticas que não se detêm aos pontos já mencionados, mas que igualmente esbarram na importância de rever os valores, ao realizar um determinado diagnóstico acerca da modernidade. A questão é que Nietzsche abarca conceitos transversais, como a liberdade, a responsabilidade e o sujeito, mas sem as lentes pesadas da ciência – ou a leveza do artista –, realizando sua análise com as vestes da subversão crítica,

² Scarlett Marton defende a tese de que são várias as questões que interligam as obras *Assim falou Zaratustra*, *Além de Bem e Mal* e *Genealogia da Moral*. Na conferência: “Genealogia da moral: Do zelo didático aos fins estratégicos”, a autora cita que, ao elaborar os três livros, Nietzsche procurou traduzir os mesmos problemas em diferentes formulações. Cf. Marton, S. *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas: treze conferências europeias*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 166.

³ No § 8 do Prefácio de *Genealogia da Moral*, Nietzsche escreve: “Se este livro resultar incompreensível para alguém, ou dissonante aos seus ouvidos, a culpa, quer crer, não será necessariamente minha. Ele é bastante claro, supondo-se – e eu suponho – que se tenha lido minhas outras obras anteriores, com alguma aplicação na leitura: elas não são realmente fáceis. No que toca ao meu Zaratustra, por exemplo (...)”. Cf. Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 14.

⁴ O tema do ressentimento não faz parte da problemática deste estudo, embora se tenha plena noção da importância desse termo na crítica de Nietzsche à concepção dos fenômenos morais.

⁵ De acordo com Werner Stegmaier, a obra *Genealogia da Moral* surtiu efeitos incalculáveis sobre o pensamento do século XX, tanto por seus conteúdos, quanto pelo seu modo de filosofar. Com seus conteúdos, ela impulsionou fortemente, acima de tudo, a sociologia, a psicologia e a antropologia e produziu mudanças nas bases de seus questionamentos. Por seu modo de filosofar, a *Genealogia da moral* tornou-se o texto primário para a nova filosofia francesa que se desenvolve sob o nome de “pós-moderna”; em uma grande frente, contudo, ela ainda permanece sob controvérsias. Cf. STEGMAIER, W. *Nietzsches “Genealogie der Moral”*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2004, p. 14.

fisiológica, filológica e psicológica. Certamente, seu ponto de partida não é tão original, pois seus inimigos continuam sendo os “desprezadores do corpo”, de modo que a novidade estaria no diagnóstico mais preciso de seus adversários, empreendido através do duelo contra os moralistas Paul Rée, La Rochefoucauld e Nicolas Chamfort. Assim, na tentativa de “danar” a moral de maneira endógena, bem como a concepção de linguagem – que não passariam de uma convenção arbitrária e saturadas de significações éticas –, Nietzsche realiza suas avaliações acerca da modernidade que, até então, apoiou-se em meros preconceitos morais. Para o filósofo, não seria desmedido denunciar a urgência em elevar, a outro patamar, tanto a crítica à moral, quanto a crítica à linguagem e à concepção do sujeito.

Esse modo de proceder ganha sentido quando se adota o jogo que está posto na obra de 1887: livrar o mundo dos falsos valores, principalmente, dos valores transcendentais e dos juízos morais que predominaram na história da filosofia. A ideia será realizar uma acepção, ou naturalização da ética, através de uma genealogia. No entanto, Nietzsche não escala o termo “naturalização” por acreditar em uma suposta natureza humana que clama por trás do indivíduo civilizado, tampouco em uma substância própria ao homem subjacente à sua existência. É na tentativa de “reanimalização” que ele irá esvaziar esses conceitos e, por consequência, deflacionar a eticidade vigente⁶. Mas o que autor deseja, ao afirmar que a natureza do homem é vazia? Nela, assim como nos conceitos, nas verdades e na linguagem, cabem vários significados/interpretações, e é da fisiologia que Nietzsche se servirá para compreender a tríade homem-interpretação-mundo.

Para ele, em primeiro lugar, existe uma vontade inaudita e invisível de sobrevivência que rege o mundo, como exemplo, entre as células, que se alimentam, não pela igualdade e equidade, mas pela expansão e crescimento. Assim, de acordo com Nietzsche, sob a pele de um suposto “eu”, estaria uma multiplicidade de “eus”, uma vida complementar ainda não interpelada pela *moris*. De certa maneira, será para denunciar o quanto há de vaidade, pretensão e arrogância no pensar metafísico e normativo moderno que Nietzsche apresenta esse modelo e recompõe o conhecimento histórico e científico, utilizando-se da fisiologia e de seu caráter esclarecedor para

⁶ De acordo com Oswaldo Giacóia, em Nietzsche, eticidade (*Sittlichkeit*) significa obediência incondicional aos costumes ordenados pela tradição. Portanto, quanto menos a vida é determinada por meio da tradição, tanto menor é a eticidade. Cf. *Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro/São Paulo: Casa da Palavra/Casa do Saber, 2012, p. 155.

resgatar certa inocência, ou determinada “natureza”, que estaria por trás da moral e da linguagem moderna.

Contudo, torna-se indispensável ressaltar que, quando se fala de valores morais em Nietzsche, fala-se “sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma”, pois ela “nos força a estabelecer valores, ela mesma valora através de nós, ao estabelecermos valores”⁷. Portanto, Nietzsche deixa clara a necessidade “natural” do homem de valorar, mas ainda resta questionar se os valores serviram, até então, de modo útil ao homem, ou apenas se trataram de moralidade dos costumes?

Primeira abordagem: não há liberdade

Ao menos uma vez sejamos cautelosos; sejamos “afilósofos” – digamos que em todo querer existe, primeiro, uma pluralidade de sensações, a saber, a sensação do estado que se *deixa*, a sensação do estado para o qual se *vai*, a sensação desse “deixar” e “ir” mesmo, e ainda uma sensação muscular concomitante, que, mesmo sem movimentarmos “braços e pernas”, entra em jogo por uma série de hábitos, tão logo “queremos”⁸.

Para Nietzsche, é na suposta espontaneidade ou autonomia da vontade do agente, tão desejada por determinados filósofos que se encontra a hipotética falha da modernidade. Segundo Kant, a liberdade será como o pressuposto que distinguirá, em primeiro lugar, o homem racional dos demais seres, e, em segundo, que dará a ele o direito de romper com a cadeia causal da natureza. Sujeito de suas ações (e de seus atos de vontade, visto que dependem unicamente de suas escolhas), o homem seria o único ser capaz de determinar suas regras e máximas. Em todo o caso, ele será livre e responsável por suas ações e pela norma a que obedece, pois a moralidade dos atos humanos está em fazer o uso da liberdade. Porém, quando não há liberdade para escolher, não se pode atribuir valor moral a qualquer ação. Além disso, para que o ato tenha valor moral, o indivíduo não pode ser coagido ou ser impulsionado a agir de determinada maneira que não lhe seja própria. Eis o princípio da liberdade e autonomia kantiana.

⁷ Nietzsche, F. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 37.

⁸ Nietzsche, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 22-23, § 19

No entanto, segundo Giacóia⁹, Nietzsche apontará diversos problemas implicados nessa “compreensão moral” da conduta humana, a saber: I) a crença na suposta unidade e transparência interior do agente moral, pois é preciso uma crítica da noção de sujeito, entendida, até então, apenas como entidade interna, produtora e causadora das ações; II) deve-se problematizar a pretensa autonomia desse sujeito livre e responsável para agir; III) mesmo admitindo o autoconhecimento do sujeito moral e sua liberdade para gerir suas ações, nada garante que ele optará, necessariamente, por proceder conforme a moral (a lei universal).

O caso é que, para Nietzsche, a liberdade difundida pela modernidade ignorou os inúmeros processos que preparam o ato desejado. Segundo o filósofo, as ações humanas dependem de um jogo de forças que não são totalmente livres para se expressar, pois “admitir que elas são livres (as forças) seria o mesmo que dizer que existe alguma coisa além da força, ou por trás da força”¹⁰. Em Nietzsche, as forças estariam em constante conflito com outras forças, e aquelas que motivam as ações hoje não serão, necessariamente, as mesmas de amanhã, mas sempre existirá alguma força regente. Ainda sobre a ideia de força, vale ressaltar que ela abrange o mundo orgânico e o inorgânico, repousando necessariamente na força repulsiva de cada átomo. No § 13 da primeira dissertação de *Genealogia*, Nietzsche se demora um pouco mais na definição de força: “Um *quantum* de força corresponde ao mesmo *quantum* de impulso, vontade, efetivação – ou melhor, nada mais é do que precisamente esse impulso, essa vontade, essa efetivação e só pode parecer de outro modo por causa da sedução da linguagem”¹¹. Em outros termos, não existe força, nem instintos fora do âmbito plural, relacional e em processo, afinal, a força não é algo, e sim, um agir sobre. Desta forma, percebe-se que em Nietzsche a liberdade seria apenas um epifenômeno decorrente de um jogo incessante entre os instintos, impulsos e afetos que jamais serão plenamente conhecidos. Tudo que existe é constituído por forças agindo e resistindo umas em relação as outras¹², portanto, a ideia de vontade de potência (*Wille zur Macht*) será o caráter intrínseco da própria força. É em 1882, em *Assim falou Zaratustra*, que Nietzsche introduz o conceito de vontade de potência como elemento de explicação dos fenômenos biológicos, mas igualmente “como parâmetro para a análise dos fenômenos

⁹ Cf. Giacóia, O. Jr. *Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro/São Paulo: Casa da Palavra/Casa do Saber, 2012.

¹⁰ Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*, I, p. 36, § 13.

¹¹ *Ibidem*.

¹² Cf. Marton, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010, p. 77.

psicológicos e sociais; é ela que constitui o elo entre as reflexões pertinentes às ciências da natureza e as que concernem às ciências do espírito”¹³.

A partir desse ponto, fica claro o esforço de Nietzsche em reformular, não só a ideia de liberdade, mas o próprio conceito de “eu” na retomada da fisiologia, desestruturando a visão antropomórfica que nega a hipótese de que os atos provenham de forças intencionais com a crença de vínculos universais extramundanos. Em outras palavras, podemos descrever que Nietzsche deseja um retorno ao “naturalismo” e essa suposição aparecerá na conhecida passagem do § 13, da primeira dissertação, da *Genealogia da Moral*, em que serão debatidas e levadas às últimas consequências a noção linguagem-sujeito-substrato e a forma como se edifica um ideal – no caso, os valores de bem e mal:

Que as ovelhas tenham rancor às grandes aves de rapina não surpreende: mas não é motivo para censurar às aves de rapina o fato de pegarem as ovelhinhas. E se as ovelhas dizem entre si: “essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha – este não deveria ser bom?”, não há o que objetar a esse modo de erigir um ideal, exceto talvez que as aves de rapina assistirão a isso com o ar zombeteiro, e dirão para si mesmas: “nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha”. – Exigir da força que não expresse como força, que não seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer subjugar, uma sede de inimigos, resistência e triunfo, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse (...). Por assim como o povo distingue o corisco do clarão, tomando este como ação, operação de um sujeito corisco de nome corisco, do mesmo modo a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que fosse livre para expressar ou não a força.¹⁴

A questão é que, para Nietzsche, a tradição moderna sempre procurou um responsável, e por extensão, a causa final dos atos como princípio ativo que mobiliza a ação ao perguntar: “quem foi?”, “que intenções tinha?” e “que objetivo almejava?”, permanecendo na crença da liberdade e da consciência em todos os aspectos. O que está por trás da dinâmica apresentada no §13, segundo o filósofo, é a capacidade do homem de moralizar e de utilizar-se da velha fórmula de causa e efeito, a mesma que conduz à noção de substância, ou coisa atuante. Esta, por sua vez, remete a um sujeito que subjaz a toda e qualquer ação, compreendendo, assim, que os sujeitos são ativos (conscientes)

¹³ Cf. Marton, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2010, p. 50.

¹⁴ Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*, I, p. 36, § 13.

de todos os acontecimentos e que, por isso, somente eles são as causas dos eventos. Porém, para Nietzsche, essa seria uma falsa ilusão de liberdade, ou uma fábula que serviu para instaurar nada mais, nada menos, do que a imputabilidade como meio para purificar os instintos, além de servir como mera forma de autoconservação. Ainda no mesmo parágrafo, ele finaliza dizendo que:

(...) o sujeito (ou, falando de modo mais popular, a alma) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a terra, talvez por haver possibilidade à grande maioria dos mortais, aos fracos e oprimidos de toda espécie, enganar a si mesmo com a sublime falácia de interpretar a fraqueza como liberdade, e o seu ser-assim como mérito.¹⁵

É através dos estudos linguísticos que Nietzsche investiga a não existência de um eu, um sujeito, ou qualquer identidade subjetiva, livre e responsável da produção de ações. Para ele, essa interpretação não passa de simples fábula que terá como base a extinção das paixões e a castração dos homens através da supervalorização da responsabilidade e da autonomia. Essa formulação da subjetividade, segundo o filósofo, será um levante contra a vida, que pretende torná-la escrava das “boas normas” e das promessas extramundanas.

Vale lembrar que a *Genealogia da Moral* não se limita a efetuar uma mudança repentina que deixa incólumes os polos inversos, modificando apenas as estimativas de valores. Se os valores como “bem” e “mal”, liberdade e responsabilidade, não tinham sido colocados ainda em questão, é porque permaneceram intocáveis pela tradição, em especial, pela tradição kantiana. Porém, esses conceitos, quando questionados, não passaram de perspectivas que se fortaleceram graças ao contexto histórico em que estavam inseridas. Desta maneira, a metodologia genealógica se justifica e se faz necessária por dois motivos: primeiro, por relacionar os valores com as avaliações e as avaliações com os valores; segundo, e principalmente, pelo desejo de recusar a metafísica como fundamento último dos valores morais e denunciar os pressupostos metafísicos capciosamente presentes na moral “escrava”. Sabe-se que Nietzsche se utiliza da fisiologia, ou da revalorização do corpo, para o rompimento com a subjetividade moderna, a ponto de buscar a concepção de corpo inequivocamente como unidade, porém, não como unidade simples, mas unidade de organização, tendo, como ponto de partida, as relações complexas de aliança e oposição entre células, tecidos, órgãos e sistemas para pensar na representação de um outro modo de subjetividade, cujo

¹⁵ Ibidem, p. 37.

modelo possa ser determinado em analogia com a natureza. Isso mostra uma ideia de sujeito como alma mortal e em constante luta pela sobrevivência, contrária à concepção moderna que lavrou a concepção de sujeito na autoconsciência, controle e submissão. Por outro lado, será um “eu” como unidade produzida e produtora que tomará o lugar da subjetividade tradicional em Nietzsche.

Culpa, liberdade e responsabilidade

Culpa – Embora os mais perspicazes juízes das bruxas, e até as bruxas mesmas, estivessem convencidos da culpa de bruxaria, essa culpa não existia. O mesmo acontece com toda culpa.¹⁶

Conforme visto, é no tripé conceitual sujeito-substância-causalidade que se encontra o fundamento de responsabilidade (ainda no sentido moralista). Só um sujeito livre poderia agir plenamente consciente no mundo e no trato com seus semelhantes, segundo a tradição filosófica marcada por Kant. Porém, em Nietzsche, há a seguinte questão: o que aconteceria com a contestação da noção de sujeito moderno? Não se esbarraria na noção de culpa como mera fantasia? Para o filósofo, a culpabilidade, a imputabilidade, a vontade livre e o agente responsável têm como base o modelo causal-explicativo, que pretende achar responsáveis e culpados para todos os acontecimentos e que oferece apenas uma “liberdade moral”: a liberdade como instrumento para melhor dominar os homens e torná-los culpados para castigá-los.

Contudo, o tom do discurso da segunda dissertação da *Genealogia* parece mudar, pois não chega mais acompanhado do psicologismo, mas de um efetivo historicismo que esclarece a naturalização da liberdade contada como algo carregado de dor e crueldade. Nesse ponto, Nietzsche parte para uma tática mais efetiva e concreta, descrevendo como a crueldade sempre existiu, sendo impossível desassociar a bondade da crueldade, o bem do mal: elementos que atravessam toda a história da cultura superior e que, de certa maneira, a constituem. Porém, em um determinado momento da história, toda a crueldade do animal homem foi reprimida e todo aquele “querer-fazer-

¹⁶ Nietzsche, F. *Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 163, § 250.

mal” já não encontrava mais o “caminho natural”¹⁷. Restou apenas uma interiorização dessas forças, dando origem, então, à má consciência.

É a partir dessa mesma ótica que Nietzsche questiona, no § 4, “como vem à terra aquela outra ‘coisa sombria’, a consciência de culpa, a ‘má consciência’”? E retirados da noção de equivalência e dívida, que seriam os resultados das relações mais primitivas e básicas do comércio: comprar, vender, pagar e dever, eis que surge “o mundo dos conceitos morais”. Nesse momento, o homem precisou tornar-se um animal que faz promessas e responsável por seus atos ao suspender, por completo, o esquecimento em nome da memória. É ela que torna os fins e os meios afiançados e que chega seguida do medir, calcular, confiar e contar. Em outras palavras, não foi a crueldade o grande mal da sociedade, mas as intenções por trás do ato de organizá-la e refreá-la.

Vale ressaltar que essas primeiras considerações indicam que a responsabilidade teria ligação direta com a memória. Certamente, para tornar o ser humano responsável, foi preciso torná-lo uniforme, igual entre iguais, constante, logo, confiável, e tudo isso através da moralidade dos costumes e de sua camisa de força. Eis aqui a ruptura e a grande coerção que serão descritas no § 16 da segunda dissertação da *Genealogia* como o momento exato em que o homem primitivo teve que abandonar os antigos instintos para ingressar na sociedade de paz:

Todo o mundo interior, originalmente delgado, como que entre duas membranas, foi se expandindo e se estendendo, adquirindo profundidade, largura, na medida em que o homem foi inibido em sua descarga para fora. Aqueles terríveis bastiões com que a organização do Estado se protegia dos velhos instintos de liberdade – os castigos, sobretudo, estão entre esses bastiões – fizeram com que todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, contra o homem mesmo. A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: essa é a origem da má consciência.¹⁸

Até agora, além de reconstituir uma liberdade deturpada e normativa, Nietzsche vem introduzindo a noção de má consciência, que curiosamente não teria ligação apenas com os espíritos fracos, mas também com aqueles da era de bronze. A questão é que, se os instintos de liberdade são reprimidos, há dois resultados: o enfraquecimento irreversível ou a dureza do espírito, a ponto que, no § 18, o filósofo descreve como uma

¹⁷ Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*, II, p. 81, § 22.

¹⁸ *Ibidem*, II, p. 73, § 26.

força pode agir de maneira transbordante e grandiosa em alguns e envenenar e debilitar outros:

No fundo é a mesma força ativa, que age grandiosamente naqueles organizadores e artistas da violência e constrói Estados, que aqui, interiormente e mais mesquinha, dirigida para trás, no “labirinto do peito”, como diz Goethe, cria a má consciência e constrói ideais negativos, é aquele mesmo instinto de liberdade (na minha linguagem a vontade de poder) (...). Essa oculta violentação de si mesmo, essa crueldade de artista, esse deleite em se dar uma forma, como a uma matéria difícil, recalcitrante, sofrente, em se impor a ferro e fogo uma vontade, uma crítica, uma contradição, um desprezo, um Não, esse inquietante e horrendamente prazeroso trabalho de uma alma voluntária cindida, que a si mesma faz sofrer, por prazer em fazer sofrer, essa má consciência *ativa* também fez afinal – já se percebe –, como verdadeiro ventre de acontecimentos ideais e imaginosos, vir à luz uma profusão de beleza e afirmação nova e surpreendente, e talvez mesmo a própria beleza...¹⁹

Por isso, a má consciência seria uma doença, mas uma doença como a gravidez, conforme dirá Nietzsche²⁰. Grávida de um rebento novo que virá de seu ventre. Um rebento que saberá acerca da liberdade e da responsabilidade após passar por situações adversas e de risco. A questão é que essa “afirmação nova” de Nietzsche se distingue pelo naturalismo dos valores e dos ideais que a sustentam, mas ela só chegará após milênios de “feitura moral” e de comodidade metafísica.

A liberdade sob a égide do indivíduo soberano

Após o discurso contra a concepção de liberdade, é no § 2 da segunda dissertação da *Genealogia da Moral* que se encontram indicativos de uma liberdade positiva que chega como um contra ideal nietzschiano, o “indivíduo soberano”, o qual será capaz de responder por si mesmo, prometer e oferecer sua palavra como algo afiançado, pois sabe que é forte o suficiente para mantê-la contra tudo aquilo que for adverso. O indivíduo soberano se insere na discussão como aquele único que aparece:

ali onde a árvore finalmente sazona seu fruto, onde a sociedade e sua moralidade do costume finalmente trazem à luz aquilo para o qual eram apenas o meio: encontramos então, como o fruto mais maduro da

¹⁹ Ibidem, II, p. 76, § 18.

²⁰ Ibidem, II, p. 77, § 19.

sua árvore, o *indivíduo soberano*, igual apenas a si mesmo, novamente liberado da moralidade do costume, indivíduo autônomo, supramoral (pois “autônomo” e “moral” se excluem), em suma, o homem da vontade própria, duradoura e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdade consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização.²¹

Para Nietzsche, o indivíduo soberano será o fruto maduro e tardio, senhor de si e idêntico apenas a si mesmo, obedecendo, única e exclusivamente, à própria legislação. No entanto, é preciso fazer algumas digressões para compreender melhor de onde vem a sua soberania. Ao que tudo indica, ela será nada mais, nada menos, do que um produto da própria consciência moral.

No parágrafo 188 de *Além de Bem e Mal*, Nietzsche apresenta as condições, previamente inóspitas da concepção de soberania e liberdade:

Mas o fato curioso é que tudo o que há e houve de liberdade, finura, dança, arrojo e segurança magistral sobre a Terra, seja no próprio pensar, seja no governar, ou no falar e convencer, tanto nas artes como nos costumes, desenvolveu-se apenas graças à “tirania de tais leis arbitrárias”; e, com toda a seriedade, não é pequena a probabilidade de que justamente isso seja “natureza” e “natural” – e não aquele *laissez aller*! Todo artista sabe quão longe do sentimento de deixar-se levar se acha o seu estado “mais natural”, o seu livre ordenar, pôr, dispor, criar nos momentos de “inspiração” – e com que rigor e sutileza ele obedece então às mil leis que troçam de toda formulação por conceitos, devido justamente à sua natureza e precisão (...). O essencial, “no céu como na terra”, ao que parece, é, repito, que se obedeça por muito e numa direção: daí surge com o tempo, e sempre surgiu, alguma coisa pela qual vale a pena viver na terra, como virtude, arte, música, dança, razão, espiritualidade – alguma coisa transfiguradora, refinada, louca, divina.²²

O conceito de “indivíduo soberano” comporta um aparente paradoxo: só pode haver liberdade após longos períodos abaixo da eticidade, tendo em vista que a responsabilidade autêntica virá da autossupressão da culpabilidade e de todo o resíduo moralista. Nietzsche descreve seu experimento como uma tentativa de assassinar dois milênios de antinatureza, apresentando o “indivíduo soberano” como o único capaz de suportar o livre jogo e a espontaneidade da disciplina e, até mesmo, da prática ascética para o cultivo e a perfeição. Em outras palavras, experimentar e legislar requer uma

²¹ Ibidem, II, p. 49, § 2.

²² Nietzsche, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 76-77, § 118.

violência prévia inconfundível, e para isso, os instrumentos ascéticos se prestam como nenhum outro. Estranhamente, o filósofo elogia o ascetismo, pelo fato de ser talvez a “disciplina do sofrer, do grande sofrer”, pois “até agora foi essa disciplina que criou toda excelência humana (...)”²³. Ao fim desse processo, a voz da culpa deixa de ser o âmago da consciência moral e, então, a responsabilidade sublima-se em autonomia, entendida, na acepção nietzschiana do termo, como a consciência ética do indivíduo soberano que só obedecerá à lei personalíssima, portanto, longe de uma lei moral universal acima dos demais. Nas palavras de Nietzsche, esses indivíduos seriam “os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos! E para isso temos de nos tornar os melhores aprendizes e descobridores de tudo o que é normativo e necessário no mundo”²⁴.

Outra questão relevante será posta no § 1 da segunda dissertação de *Genealogia*, em que o indivíduo soberano aparecerá como a expressão da figura supramoral, tendo em vista que moralidade e autonomia se excluem. Sua constituição chega a ser na medida em que haja o esquecimento, a *vis inertiae* [força inercial]²⁵, força independente da consciência e sua primazia. Aqui, o corpo novamente se insere na filosofia nietzschiana como outro tipo de racionalidade. No entanto, surge uma questão aparentemente indissolúvel: como é possível o indivíduo soberano ser dotado de responsabilidade, ao mesmo tempo em que sua característica principal é o esquecimento? Devemos lembrar que Nietzsche se atém a uma racionalidade fisiológica livre de moralidade que, ao mesmo tempo, abre espaço para novo e passa ao largo da consciência e sua pesada e vagarosa percepção. Uma digestão ligeira ou a “assimilação corporal”, segundo o filósofo, é a única propícia “sobretudo para as funções e os funcionários mais nobres, para o reger, prever, predeterminar (...)”²⁶, típica daqueles com a saúde forte, e não dos dispépticos funcionários burocratas. Vemos então uma nova relação do indivíduo soberano com a história, pois, apesar de seu “esquecimento”, ele será dotado de uma “memória da vontade” que não se atém apenas em livrar-se dos acontecimentos indesejados, como na “memória categórica”. A questão chave é compreender que o indivíduo soberano, ao invés de selecionar os acontecimentos conscientemente, aos moldes kantianos do dever, *incorpora* até mesmo

²³ Ibidem, p. 118, § 225.

²⁴ Nietzsche, F. *Gaia Ciência*, 2001, p. 199, § 335.

²⁵ Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*, II, p. 47, § 1.

²⁶ Ibidem, p. 48, § 1.

os infortúnios para poder, enfim, como faz quem promete, responder por si como porvir!”²⁷

Considerações finais

Neste estudo, procurou-se fazer um esboço de como as concepções de sujeito, liberdade e responsabilidade têm uma proximidade que se revela, em especial, através da concepção de indivíduo soberano e da reavaliação do valor dos valores na obra *Genealogia da Moral*. Para Nietzsche, o sujeito livre é aquele capaz de ditar suas próprias leis e experimentá-las. Seu conhecer será o mesmo que criar e seu criar a própria legislação. Porém, para responder por si mesmo, é preciso, primeiramente, que ele conheça todo o sistema normativo e incorpore as leis mecânicas e normativas. Por outro lado, emerge também, como condição necessária para esse sujeito, um penoso esforço de autorreflexão e autossuperação que terá como etapa a própria prática ascética de economia da energia. O ascetismo pode ser tomado como um martírio e um envenenamento vagaroso do espírito que culmina em má consciência, ao passo que o indivíduo que não exterioriza seus instintos anula, conseqüentemente, sua potência ao rebelar-se contra si. No entanto, o exercício ascético também pode servir para o fortalecimento quando proporciona a dureza de espírito para conquistar a verdadeira liberdade e responsabilidade.

Percebe-se que a árvore da vida que Nietzsche menciona apresenta uma importante bifurcação, a ponto que alguns terão força para transfigurar os valores vigentes, dando voz à “estilística moral de si”²⁸, conforme descreve Giacóia, enquanto outros permaneceram dependentes dos narcóticos que justificam a dor da existência, como os dogmas, normas e promessas transcendentais.

A despeito da responsabilidade, para o indivíduo soberano, será incorporado a “duras penas”, pois apenas aquele capaz de se fortalecer após um longo período de sofrimento e adversidades compreenderá os efeitos de seus atos. Os indivíduos soberanos são os gênios vindouros, os filósofos legisladores e exemplares de outrora, vistos como metas ainda não alcançadas.

Além disso, Nietzsche mostra que a sua concepção de sujeito – diferente da modernidade, que baseia a subjetividade na autoconsciência, na moralidade e na

²⁷ Ibidem, p. 48, § 1.

²⁸ Giacóia, O. Jr. *Nietzsche X Kant*, p. 277.

linguagem – estaria mais próxima de um prisma ficcional que dispensa a necessidade de um substrato originário e essencial, tendo como postulado apenas as próprias tensões, inflexões, perspectivas e criações que a vida contingencial sugere. Em suma, o ser humano, segundo o filósofo, tenciona através das tensões, sendo o seu desejo maior o acréscimo constante de potência, haja vista que todo querer, todo triunfo e todo sentimento de prazer pressupõem uma resistência superada. A vida, em Nietzsche, será um sinônimo de disputa permanente e luta pela sobrevivência.

Referências

- BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e a Liberdade*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2000.
- GIACÓIA, O. Jr. *Nietzsche X Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro/São Paulo: Casa da Palavra/Casa do Saber, 2012.
- KANT, I. A. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Trad. de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.
- MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- _____. *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas: treze conferências europeias*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- NIETZSCHE, F. *Gaia Ciência*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Aurora*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- _____. *Ecce Homo*. Trad. de Paulo Cesar Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Genealogia da Moral*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- STEGMAIER, W. *Nietzsches "Genealogie der Moral"*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2004.

Recebido em: 27/01/2019

Aprovado em: 05/02/2019